

ALGO PRECISA MUDAR



Um chamado para que sua vida
faça a diferença em um mundo de
necessidades urgentes

DAVID PLATT



ALTA LIFE
EDITORA

Rio de Janeiro, 2021

Sumário

Nota do Autor | xv

Agradecimentos | xvii

Sobre o Autor | xix

Por que Choras? | 1

Do que Precisamos

Um Risco

A Preparação | 7

Contexto

Dizendo Adeus

Boas Novas?

Dia 1: **A Chegada** | 13

Animado, mas Cansado

Trânsito Maluco

Preciso Anotar Isso

Dia 2: **Um Longo Caminho a Percorrer Antes**

de Escurecer | 21

Nos Confins da Terra

Omeletes e Chai

Cegueira

Rezando com Fé

Necessidades Urgentes
Surto de Cólera
Acorrentado em um Celeiro
Perguntas sem Respostas
Filhas Perdidas
O Rosto da Fome
Uma Perspectiva Eterna

Dia 3: Quebradores de Corpos
e Chá de Manteiga | 53

Poder Solidário
Iaques na Trilha
Enterro Celestial
Acreditando em uma Mentira?
Hospitalidade da Montanha
Como Saberão?
Janela para o Inferno
Duas Opções
A Necessidade Mais Importante
Esperança Após a Morte

Dia 4: Eu Vi Luzinhas
Subindo a Montanha | 79

Antes de Começar o Dia
Um Problema de Coração
Lágrimas em Estratégia
Picos Falsos
Ousadia Descarada
Luzinhas
É Isso!

Dia 5: **Enfermeiros, Professores e Especialistas em Cocô de Truta** | 107

Encarregado de Muita Coisa

O Lado Esquerdo

Posto Avançado de Saúde

Mais do que Educação

Trutas e Vegetais

Dons Singulares

Sal e Luz

O Maior Tesouro

Dia 6: **Como um Rei se Preparando para a Guerra** | 131

Um Amor Superior

Conflito Espiritual

A Coragem de Alisha

Mensagem Perigosa

O Bufê de Dal Bhat

Uma Vida Transformada

Em Chamas

Das Cinzas

Trabalho Duro

A Igreja como Deus Planejou

Dia 7: **Xícaras Quebradas Brilhando** | 157

Procurando o Ser Único

Não É Só um Número

Cadeira na Trilha

O Ser Único É Encontrado

Resgatadas pelo Amor

Colapso

Diá 8: **Algo Precisa Mudar** | 177

As Apostas São Altas

Cansado de Falar

Vivendo com Urgência

E Agora? | 187

Minha Jornada

Sua Jornada

O Desafio

Que Todos os Povos Vos Glorifiquem

AMOSTRA

Por que Choras?



Sozinho em uma pousada na base dos Himalaias, eu me vi de joelhos, o rosto no chão, em prantos. Ao meu redor estavam espalhadas as evidências da semana anterior — uma mochila, bastões para caminhada, botas para trilhas. Eu havia recém-terminado uma jornada de uma semana pelas montanhas mais altas do mundo e estava há apenas algumas horas de pegar um voo de volta para casa: os Estados Unidos.

Mas não planejei terminar minha viagem chorando descontroladamente.

Até aquele dia, eu podia contar em uma mão as vezes que chorei depois de adulto. A última vez foi no dia em que recebi a ligação informando que meu pai havia morrido de um infarto fulminante. Mas esse dia em uma pousada asiática foi diferente. Dessa vez não estava chorando porque *eu* sentia falta de alguém ou de alguma coisa. Chorava incontrolavelmente por causa do que os *outros* — homens, mulheres e crianças, que conheci na semana anterior — sentiam falta. Coisas como água, comida, fa-

miliares... liberdade e esperança. Ansei tanto que eles tivessem essas coisas que não consegui evitar. Caí no chão em prantos e a enxurrada de lágrimas não parava.

Do que Precisamos

Relembrando aquele dia na pousada, eu me pergunto por que ficar tão comovido pelas outras pessoas com necessidades fora tão incomum para mim. Penso em todos os cultos da igreja em que estive semana após semana, ano após ano, falando e ouvindo sobre as necessidades das pessoas do mundo todo. Penso em todos os sermões que preguei sobre servir aos necessitados. Penso até nos livros que escrevi, incluindo *Radical* — pelo amor de Deus — um livro sobre entregar nossas vidas em amor a Cristo e ao mundo à nossa volta. Então por que fora tão raro para mim ficar tão comovido pelas necessidades dos outros a ponto de me curvar perante a Deus e chorar?

Não acho que essa pergunta seja apenas para mim. Quando penso em todos os cultos da igreja, lembro de pouquíssimas vezes em que outros cristãos e eu choramos juntos pelas pessoas que não tinham água, comida, família, liberdade ou esperança. Por que uma cena como essa é tão incomum em nosso meio?

Isso me faz pensar se perdemos nossa capacidade de chorar. Eu me pergunto se não protegemos nossas vidas, famílias e até nossas igrejas de maneira sutil, perigosa e quase inconsciente de sermos realmente afetados pelas palavras de Deus em um mundo de necessidades físicas e espirituais urgentes à nossa volta. Falamos muito sobre a necessidade de *saber* o que cremos em nossas mentes, mas ainda me pergunto se esquecemos de *sentir* o que cremos em nossos corações. De que outra forma poderíamos explicar nossa habilidade de participar de cultos em que cantamos

canções e ouvimos sermões celebrando como Jesus é a esperança do mundo e ainda raramente (quando acontece) nos curvamos chorando por aqueles que não têm essa esperança e então agimos para que conheçam-na?

Por que hoje parecemos estar tão longe do caminho de Jesus? Ele chorou pelos necessitados. Comoveu-se em compaixão pelas multidões. Viveu e amou para trazer cura e conforto para os debilitados. Morreu pelos pecados do mundo. Então por que aqueles de nós que carregam seu Espírito não se comovem e são compelidos da mesma forma? Certamente Deus não criou o evangelho de Jesus para ficar confinado em nossas mentes e bocas na igreja, ainda mais desconectado de nossas emoções e ações no mundo.

Certamente algo precisa mudar.

Mas como? Quando me vi com o rosto no chão naquela pousada, não foi porque ouvi um novo fato sobre o sofrimento do mundo ou mesmo por uma nova descoberta a partir da Palavra de Deus. No longo voo para a Ásia, eu havia realmente escrito todo um sermão sobre pobreza e opressão, com números increditáveis em relação aos pobres e oprimidos no mundo atual. E o escrevera a partir de uma perspectiva emocionalmente bem protegida e assustadoramente desalmada. De alguma forma, observar as estatísticas da pobreza e até estudar a Bíblia deixara minha alma incólume. Mas quando fiquei cara a cara com homens, mulheres e crianças em necessidade física e espiritual urgente, o muro em meu coração foi quebrado. E eu chorei.

Claramente, a mudança de que precisamos não acontecerá simplesmente por vermos mais fatos ou ouvirmos mais sermões (ou mesmo pregá-los). Não precisamos de uma explicação da Palavra e do mundo que coloque mais informações em nossas cabeças; precisamos de uma experiência com a Palavra *no mundo*

que penetre as reentrâncias de nossos corações. Precisamos ousar ficar cara a cara com a necessidade desesperada no mundo à nossa volta e pedir a Deus para que faça um trabalho profundo dentro de nós que nunca poderíamos fabricar, manipular ou mesmo fazer acontecer sozinhos.

Essa é a minha oração para as próximas páginas.

Um Risco

Tomei uma abordagem diferente ao escrever este livro. Geralmente sou um pastor que faz uso da exposição e da explanação para comunicar seu ponto de vista. Mas, como mencionei, não acho que precisamos de mais exposição e explanação. Acho que precisamos de uma experiência — um encontro que leve a verdade exposta e explicada a um nível mais profundo em nossos corações do que conseguiria chegar de outras formas.

Então, neste livro, quero deixar de lado meu papel de pastor e convidá-lo a experimentar uma caminhada comigo por algumas das mais altas montanhas da Ásia. Eu o convido a comer o que comi, beber o que bebi, ver os rostos que vi, tocar as pessoas que toquei e, em tudo isso, sentir as emoções que senti. No fim, quero que consideremos como transferir essa caminhada pelos Himalaias para nossas vidas cotidianas. Quero que imaginemos o que poderia acontecer se deixássemos que o evangelho penetrasse além de nossas mentes até nossos corações, de forma que mude drasticamente o curso de nossas vidas, famílias e das igrejas do mundo.

Acredito que há um risco em usar minha jornada pelas montanhas como cenário para este livro — tanto para você quanto para mim. Para mim, o risco é deixar a segurança do púlpito

em que geralmente prego e até sair de trás da mesa em que normalmente escrevo, para compartilhar algumas dificuldades que tenho com coisas que prego e verdades em que acredito. Ao convidá-lo para essas trilhas, quero lhe mostrar minhas reflexões pessoais, e não quero esconder minhas questões mais profundas.

Por exemplo, se o evangelho é realmente verdadeiro e Deus é verdadeiramente bom, então onde estão a verdade e a bondade de Deus em meio à dor e à pobreza extrema? E onde estão sua paz e proteção pelos oprimidos e explorados?

E o que dizer da vida além deste mundo? Em um universo regido por um Deus bom, o inferno é mesmo um lugar e realmente dura para sempre? Se ele de fato existe e nunca acabará, por que tantas pessoas nascem em um inferno terreno apenas para seguir para outro eterno? E é verdade que bilhões de indivíduos que não creem em Jesus irão para lá, mesmo se nunca tiveram a oportunidade de ouvir falar dele?

Você pode ficar surpreso ao descobrir que até um pastor como eu, que creê absolutamente na verdade e na confiabilidade das Escrituras, ainda lute com questões como essas. Eu luto. E sei que uma coisa é fazer essas perguntas de trás de um púlpito em um edifício confortável no domingo de manhã, mas é algo totalmente diferente fazê-las quando estamos de pé na encosta de uma montanha com um homem cuja esposa e filhos morreram em uma questão de horas de uma doença evitável porque não havia remédio disponível. Ou quando olhamos nos olhos de uma menina de doze anos que quer fazer sexo com você, porque foi para isso que foi vendida e escravizada desde os dez anos. Ou quando vemos um corpo fisicamente queimar em uma pira funerária e sabemos que aquela pessoa nunca ouviu falar de Jesus.

Quero arriscar compartilhar uma visão dos bastidores do que acontece quando um pastor e um autor com três graduações

de seminário têm suas convicções mais profundas abaladas pela escuridão do mundo à sua volta e se vê perguntando honestamente: *afinal de contas, Jesus é realmente a esperança do mundo?*

Acredito que também haja riscos para você aqui. Só para que saiba, estou lhe poupando muito risco ao escrever este livro. Não é necessário se arriscar em uma viagem de helicóptero para uma parte remota do mundo onde se algo ruim acontecer com você, está praticamente desconectado da comunicação externa e há dias de distância de conseguir alguma ajuda. Estou lhe poupando do risco de atravessar pontes suspensas e caminhar por trilhas estreitas onde um escorregão pode significar rolar para sua morte. Você não precisa se preocupar com os males da altitude, amebíase, diarreia do viajante, cyclospora, giardíase, malária, hepatite ou... acho que você já entendeu. Basta dizer “de nada” por tê-lo poupado de todos esses riscos!

Mas você não pode evitar todos os riscos ao se juntar a mim nessa jornada. Eu não tinha ideia do que aconteceria em minha vida depois de uma semana naquelas trilhas. Então, ao convidá-lo para vir comigo para as montanhas, estou pedindo que você se abra para a possibilidade de que o modo como vê sua vida, sua família, sua igreja ou o seu futuro podem não ser os mesmos quando retornar. Não sei se você se verá no chão chorando incontrolavelmente. Mas espero que se veja desprotegido. Sem filtros. E finalmente aberto a todo um novo mundo do que Deus quer fazer em sua vida e por meio dela.

Então, se estiver disposto a fazer essa jornada, convido-o a virar a página.

Porque algo precisa mudar.

A Preparação



Até mesmo uma viagem curta para os Himalaias exige preparação. Eu e uma pequena equipe caminharíamos pelas trilhas da montanha em altitudes mais elevadas do que qualquer um de nós já havia experimentado (a não ser em um avião). De forma quase inimaginável, mais de 100 picos nos Himalaias se elevam acima dos 7 mil metros. Essa cadeia de montanhas se estende por 5 países diferentes — Nepal, Índia, Butão, China e Paquistão —, 6 se contarmos o Tibete.

Eu sabia que a viagem exigiria muito fisicamente, então treinei fazendo Crossfit, caminhando todas as manhãs durante meses em uma esteira com inclinação e caminhando até o cume da montanha mais alta próxima de mim. Infelizmente, essa monta-

nha se estendia apenas 304 metros acima do nível do mar. Isso não é nem uma colina nos Himalaias.

Além do treinamento físico, arrumar as malas para a jornada exigiu um planejamento cuidadoso. Cada membro da equipe teria que carregar todo o seu próprio equipamento — isto é, sem assistência dos sherpas ou de iaques. Então o objetivo era aguentar o peso de todas as suas roupas e equipamentos variados até no máximo 9kg. Já que nas elevações mais altas dormiríamos com temperaturas abaixo do ponto de congelamento, isso significava carregar um saco de dormir adequado para -9°C .

Também iriam na mochila:

- uma muda de roupas para quando chegássemos no meio da caminhada
- uma toalha pequena e artigos de toalete mínimos
- um chapéu, protetor solar e óculos de sol para a caminhada durante o dia
- uma lanterna de cabeça para a caminhada à noite
- uma garrafa de água com filtro
- lanches (não há muitas máquinas vendendo salgadinhos no caminho)
- uma Bíblia e um diário

Contexto

Como fui parar nessa jornada? Primeiramente, foi por causa de uma reunião que tive um dia com um cara chamado Aaron, que agora é um bom amigo.

Conheci Aaron quando ele visitou a igreja em que eu era o pastor. Ele se apresentou a mim depois de um culto de adoração

e me disse que morava na Ásia, e foi isso. Eu não o vi novamente por uns dois anos. Durante esse tempo, Deus nos guiou e fez minha esposa, Heather, e eu procurarmos adotar uma criança do mesmo país em que Aaron vive. Ouvimos falar sobre as condições de vida de muitas crianças por lá, incluindo meninas que viravam escravas sexuais, então decidimos trazer uma dessas crianças para a nossa família.

Começamos o processo de adoção, e, noite após noite, Heather e eu reuníamos nossos dois filhos na época e rezávamos por sua futura irmã. Tudo ocorreu tranquilamente, e nosso próximo passo foi quando nos tornamos compatíveis com uma menina específica. Então, sem aviso algum, esse país encerrou a adoção para estrangeiros. Ficamos com nossos corações devastados.

Aquele Natal foi triste para nós, então escrevi um poema para Heather, em uma tentativa de expressar o peso que ambos sentimos. Detalhei todas as dificuldades pelas quais passamos, os anseios profundos que experimentamos por ter essa menina especial como parte da nossa família. Expressando esses sentimentos na voz da criança que nunca conheceríamos, finalizei o poema com estes versos:

Deixe que o amor espere e deixe que o amor implore,
A Deus em nome de uma filhinha aguardada.
E independentemente de um dia vocês serem ou não
meus pais,
Prometam-me, por favor, que sua família nunca vai parar
de por mim orar.

Esse país permaneceu fechado, mas Heather e eu confiávamos que Deus colocara esse lugar em nossos corações para um propósito. Então, quando não conseguimos adotar, na vez se-

guinte que Aaron estava passando por aqui e disse oi depois de outro culto da igreja, falei: “Podemos nos reunir em meu escritório amanhã de manhã?”

No dia seguinte, Aaron compartilhou comigo como as condições de vida de muitas crianças em seu país eram realmente horríveis e que mais garotas do que qualquer um de nós conseguiria imaginar (ou gostaria) eram escravas sexuais. Ao conversarmos, ele me convidou para me juntar a ele em uma jornada, e foi uma decisão fácil — *eu topei*.

Dizendo Adeus

Eu adoro visitar outras partes do mundo para compartilhar o evangelho, mas odeio dizer adeus. Como viajo muito para o exterior e essas viagens nem sempre são destinos que o Departamento de Estado dos EUA recomenda, tento manter uma carta atualizada para Heather e nossos filhos caso algo aconteça. Não preciso dizer que escrevê-la nunca é agradável, mas é um ótimo lembrete do quanto amamos aqueles próximos de nós.

Nesta viagem fui encorajado a ter dois homens me acompanhando. O primeiro era Chris, um velho amigo que conheço desde a infância. Agora trabalhamos juntos em uma organização chamada Radical (<https://radical.net> [conteúdo em inglês]), um ministério mundial e plataforma de caridade com o fim de servir a igreja e difundir o evangelho nas linhas de frente com necessidades urgentes pelo mundo.

Nosso segundo colega de caminhada era um homem que eu acabara de conhecer. Seu apelido é Sigs e seu papel seria documentar a viagem com fotos e vídeos. Aprendi rapidamente que Sigs é uma alma aventureira com um talento especial para fa-

zer perguntas que realmente me fazem pensar. Além de carregar seus pertences pessoais na mochila, ele também teria que levar o equipamento fotográfico, com baterias extras. Encontrar tomadas elétricas para recarregar o equipamento nas áreas remotas do Himalaia... tá bom, boa sorte!

Boas Novas?

No caminho, enquanto o avião planava de um fuso horário para o outro, tentei dormir. Li minha Bíblia e fiz algumas notas em meu diário. Comecei a sentir falta de Heather e das crianças. Orei silenciosa e profundamente por eles, pedindo a Deus por uma dose extra de sua proteção e provisão enquanto eu estivesse fora.

Também tive uma conversa interessante com outro passageiro. Seu nome era Charles e descobri que ele era do Congo. Ele era cego. Ao me contar sua história, compartilhou que sua cegueira fora resultado de uma cirurgia malfeita nos olhos. Ao nos conhecermos melhor, contei-lhe o propósito de minha viagem e tive uma oportunidade de compartilhar o evangelho com ele.

Charles não ficou animado em descobrir que eu era um seguidor de Jesus. Ele me disse o quanto seu povo foi ferido e prejudicado por alguns missionários da Europa que, de acordo com ele, fizeram coisas desastrosas a seu país em nome de Cristo. Como resultado, a visão que Charles tinha de Jesus era significativa — e tristemente — distorcida.

Fiquei resignado ao ouvir que sua experiência com as “boas novas”, como ele as recebeu, não foi nem um pouco boa. Aparentemente, é possível que várias interpretações errôneas do evangelho afastem ainda mais as pessoas de Deus.

Fiz o melhor para convencer Charles de que o verdadeiro Jesus não é nada como aquelas pessoas que o haviam prejudicado, mas ele não me pareceu convencido. Mais tarde, escrevi algumas reflexões em meu diário sobre meu desejo de nunca interpretar Jesus de maneira errônea:

Ó Deus, essa é a última coisa que quero fazer. Por favor, ajude-me, ajude-nos, a dar às pessoas uma visão precisa de ti que as atraia a ti, não que as afaste de ti.

AMOSTRA